

## **O streetball trazendo o hip hop para a escola**

The streetball bringing hip hop to school

Bianca das Neves SILVA  
Prefeitura Municipal de Jundiaí

**RESUMO:** O conteúdo streetball foi inserido na disciplina Educação Física em uma escola pública de ensino fundamental II de Jundiaí. As aulas contaram com vídeos, aulas expositivas e a vivência da modalidade ao som do rap. Este trabalho propõe uma reflexão sobre a presença da cultura hip hop na escola através do streetball. O streetball contextualizado no movimento hip hop resgata a ideia de união em torno de uma prática, bem como abre a discussão sobre a realidade dos jovens que vivem na periferia, e a possibilidade de resistência e de reivindicação de melhores condições de vida. A percepção da existência de similaridades entre as ruas onde o streetball foi criado e as ruas onde os alunos envolvidos neste trabalho vivem, além da tematização do streetball dentro do movimento hip hop aumentou o interesse dos alunos pela modalidade e possibilitou discussões sobre a produção cultural das periferias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física Escolar; streetball; basquete de rua; hip hop; Ensino Fundamental II.

**ABSTRACT:** The streetball was inserted in Physical Education in a public school Jundiaí. Videos, lectures and experience the sport at the sound of rap were used in classes. This work proposes a reflection on the presence of hip hop culture at the school through streetball. The streetball contextualized in the hip hop movement recalls the idea of unity for a practice of a modality as well as open a discussion about the reality of young people living in the suburbs, and the possibility of resistance and demands for better living conditions. The perception of similarities between the streets where the streetball was created and the streets where the students involved in this work live, and the streetball thematization within the hip hop movement has increased the interest of students by modality and enabled discussions on cultural production the peripheries.

## Introdução

“Espero que o hip-hop se mantenha como um movimento social, musical, educacional, politizado e transformador também. E que as pessoas envolvidas não tenham medo de interagir com outras manifestações culturais e artísticas, ou com os esportes, por exemplo. Não podemos ter medo de diversificar, mudar, evoluir, parar no tempo”  
(NELSON TRIUNFO)<sup>1</sup>

O movimento hip hop se originou nos bairros pobres de Nova Iorque. Desde seus primórdios caracteriza-se como um movimento híbrido, abrigando em si diversas manifestações artísticas. Segundo Pimentel (1997) os guetos novaiorquinos nos anos 70 sofriam com o desemprego, com a marginalização dos seus moradores e com as drogas. Contudo, a criatividade de diversos jovens não sucumbiu às adversidades do entorno. Assim, convivendo no mesmo espaço, e dividindo as mesmas angústias, não demorou muito para que grafiteiros<sup>2</sup>, breakers<sup>3</sup> e rappers<sup>4</sup> passassem a organizar atividades conjuntas.

No entanto, o embrião para o surgimento deste movimento pode ter surgido ainda nos anos 60. A efervescência da luta contra as leis que impunham a segregação racial, os assassinatos de Martin Luther King e Malcom X (assim como o de muitos outros que ousaram desafiar o paradigma social da época) e a fundação do Black Panthers Party – partido que reivindicava o poder de decidir os rumos de sua própria comunidade através da auto-defesa - foram fatos que já vinham organizando os negros pobres dos Estados Unidos em torno de uma causa comum (PIMENTEL, 1997). Ainda segundo Pimentel (1997), muitos dos primeiros b.boys, rappers e grafiteiros eram os irmãos mais novos dos Black Panthers.

O hip hop não demorou a chegar no Brasil<sup>5</sup> e, assim como nos Estados Unidos, o movimento é composto por diversas manifestações, além das influências da cultura nacional. Assim, o rap brasileiro tem um pouco do samba e do repente, o break é parecido com a capoeira e os grafites tem cores muito vivas (PIMENTEL, 1997; SCHOBER, 2004). Há quem diga também que o hip hop brasileiro é mais politizado do que o americano (SCHOBER, 2004).

---

1 BUZO, Alessandro. Hip hop: dentro do movimento. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010, p.29.

2 O grafite é a arte de embelezar as ruas, segundo Buzo (2010). “Ao contrário da pichação, que apesar do caráter de protesto, deixa as ruas mais feias, o grafite não, ele pode transformar um local não tão belo num lugar mais bonito de se ver” (BUZO, 2010)

3 Dançarino de *break*, conhecido no Brasil também como dança de rua.

4 Os rappers são os responsáveis pelas letras no rap. O termo rap vem do inglês e significa *rhythm and poetry*.

5 “Em 1982, a juventude da periferia já dançava o break e ouvia os primeiros raps. Isso porque desde os anos 70, na periferia das grandes cidade do país eram comuns os bailes black, com muito soul e funk. O rap apenas deu continuidade a essa trilha” (PIMENTEL, 1999)

## **O streetball dentro da cultura hip hop**

Existem quatro elementos consensualmente aceitos como parte da cultura hip hop. São eles: o DJ<sup>6</sup>, o mestre de cerimônia (MC), o break e o grafite. Mais recentemente, passou-se a considerar o conhecimento como o quinto elemento do hip hop (BUZO, 2010). Outros também incluem o beat box<sup>7</sup> e o streetball, também conhecido no Brasil como basquete de rua. O fato é que pela hibridização e pela característica popular do movimento, ele muito bem pode abarcar essas e outras manifestações.

O streetball surgiu nos guetos novaiorquinos na década de 70. Ou seja, no mesmo lugar e ao mesmo tempo em que o movimento hip hop dava seus primeiros passos. As partidas eram feitas em quadras abertas, parques, embaixo de viadutos, mas sobretudo na rua, embaladas ao som do rap (OLIVEIRA FILHO, 2006). A modalidade se diferencia do basquetebol tradicional pelo seu aspecto estético. Nela mais importante do que ir a cesta, é efetuar dribles que deixem desconcertados o oponente.

O streetball tem regras menos rígidas do que o basquetebol tradicional. Pode ser jogado desde o formato 1 contra 1 até 5 contra 5. Pode ser jogado em meia quadra ou em quadra inteira. Tudo depende das regras do torneio em questão ou da vontade dos participantes, no caso de um jogo informal. Os dribles e movimentos que não fazem parte do basquete tradicional não podem levar a cesta. As cestas efetuadas dentro da área de 3 pontos valem 1 ponto e as efetuadas fora, valem 2 pontos (OLIVEIRA FILHO, 2006).

## **Hip Hop na escola**

O hip hop tem estado com cada vez mais frequência no ambiente escolar. Como exemplos, temos a disciplina Língua Portuguesa em que o rap já esteve presente para trabalhar a intertextualidade (GÓES, 2007), bem como as disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, nas quais o rap serviu de matéria prima para os conteúdos (SOUSA; DURAND, 2002).

A Educação Física também tem sido porta de entrada para o hip hop na escola. Ribeiro (2008) em sua dissertação de mestrado estudou a construção da identidade negra, procurando reverter os efeitos negativos do ideal de branqueamento, em jovens que se envolveram com o hip hop na escola. Esse envolvimento com o hip hop trata especificamente da tematização da dança de rua nas aulas de Educação Física, sob um ponto de vista multiculturalista crítico.

---

<sup>6</sup> O DJ (disk jockey) é o responsável pelos efeitos sonoros e mixagens que acompanham o rap.

<sup>7</sup> Beat box se refere a arte de fazer ritmos com a boca.

No município de Jundiaí também foi realizado um projeto<sup>8</sup> cujo objetivo era tematizar o hip hop nas aulas de Educação Física. O conteúdo específico da área era o ritmo, através da percussão corporal, mas o projeto todo também envolveu o rap e o grafite. Em entrevista concedida à Rede Paulista de Televisão, a diretora da escola em que foi realizado esse projeto afirma que a sua importância foi trazer para a escola práticas que já fazem parte do cotidiano dos alunos e fazê-los identificar as mesmas como arte.

Apesar dos esforços desses e de vários outros professores que ainda não tiveram seus trabalhos publicados ou divulgados, a Educação Física ainda encontra dificuldades em realizar discussões que levem os alunos a pensar além das aulas na quadra. Ao professor de Educação Física geralmente não é concedido o direito de discutir com seus alunos a origem e as modificações por quais passaram as práticas realizadas na aula<sup>9</sup>. Mas, ainda com as dificuldades, a realização de trabalhos como estes é importante “por buscar entendimento, compreensão, reflexões e questões, relacionados a formas de intervenção e transformação social” (RIBEIRO, 2008).

Todas essas experiências tornam evidentes dois aspectos. O primeiro é o de que o hip hop – independente da prática que o represente – pode e deve ser inserido nos currículos escolares. Não no sentido de institucionalizá-lo, mas no de reconhecê-lo como parte de uma cultura, sobretudo, de uma cultura produzida por quem está envolvido em relações de poder que não lhes permite determinar o que vai ser ensinado na escola. Isso leva ao segundo aspecto que é o da urgente valorização da diversidade cultural e dos saberes produzidos nas regiões periféricas no processo educacional de crianças e adolescentes.

### **Objetivo**

O basquetebol é um conteúdo presente na maior parte das proposta curriculares da disciplina Educação Física e era esperado pelos alunos do 8º ano da EMEB Rotary Club, localizada no município de Jundiaí, interior de São Paulo. Concomitantemente, foi observado pela professora que alguns alunos tinham uma relação com o rap e que o mesmo era algo significativo para eles. Dessa forma, surgiu a ideia de realizar um bloco de aulas de streetball ao invés do basquetebol tradicional – que, segundo os próprios alunos, já havia sido “dado” em outros anos -, contextualizando-o dentro do movimento hip hop e procurando estabelecer relações entre o contexto social da criação do streetball e a realidade desses alunos moradores de um bairro pobre da cidade de Jundiaí.

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é refletir sobre o processo dessas aulas em

---

8 A iniciativa da realização do projeto foi da Profª Silvia Cayres Braun da EMEB dos Sonhos Profº Anézio de Oliveira e está registrada no programa de televisão “Se liga aí” realizado pela Rede Paulista. A reportagem pode ser consultada em <http://www.youtube.com/watch?v=4BI2rWSmIbY> (acessado em 07.04.2012)

9 Essa dificuldade fica bastante evidente quando, na escola, solicitamos recursos que não são vistos como pertinentes à Educação Física, tais como sala de informática e sala de vídeo.

que o streetball foi tematizado tendo do hip hop como pano de fundo, pensando sobre a repercussão dessas aulas sobre os alunos e dialogando com algumas obras que já discutiram a presença do hip hop na escola..

### Discussão

Os planejamentos de cada aula foram realizados seguindo as orientações da coordenação da escola. Segue tabela com os objetivos, estratégia e materiais utilizados em cada aula:

	<b>Objetivos</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Materiais</b>
<b>Aula 1</b>	Introduzir a modalidade streetball.	Leitura do texto sobre streetball	Texto “Streetball”
<b>Aula 2</b>	Vivenciar mini-jogos de streetball.	Formar times de 3 alunos. Relembrar com os alunos as principais regras e características do streetball. Os alunos que não estiverem jogando marcarão os pontos	Bolas de basquetebol; Papel craft para marcar os pontos
<b>Aula 3</b>	Vivenciar mini-jogos de streetball.	Formar times de 3 alunos. Relembrar com os alunos as principais regras e características do streetball. Os alunos que não estiverem jogando marcarão os pontos	Bolas de basquetebol; Papel craft para marcar os pontos
<b>Aula 4</b>	Contextualizar o streetball, mostrando aos alunos a função social da modalidade dentro de sua criação.	Após os alunos terminarem de copiar o texto 'streetball' fazer a leitura do mesmo ressaltando o contexto histórico da criação da modalidade. Ver vídeos do youtube: “Streetball Freestyle” e “How to do every streetball moves”	Filmes e texto
<b>Aula 5</b>	Realizar dribles e bandejas típicos do streetball.	Realizar circuito contendo as seguintes estações: a) arremesso de 2 e 1 ponto; b) andar sobre o banco quicando a bola; driblar cones; realizar bandeja com a ajuda dos arcos. Realizar pequenos jogos de streetball de acordo com o número de alunos.	Bolas de basquetebol; arcos; cones; banco sueco
<b>Aula 6</b>	Realizar dribles e bandejas típicos do streetball.	Realizar circuito contendo as seguintes estações: a) arremesso de 2 e 1 ponto; b) andar sobre o banco quicando a bola; driblar cones; realizar bandeja com a ajuda dos arcos. Realizar pequenos jogos de	Bolas de basquetebol; arcos; cones; banco sueco

		streetball de acordo com o número de alunos.	
<b>Aula 7</b>	Realizar jogos de streetball seguindo algumas regras básicas.	Os alunos se agruparão em times de 4 pessoas (3 titulares mais 1 reserva) e farão pequenos jogos de streetball. Os controladores marcarão em cartolina a pontuação, as faltas e os dribles para facilitar a discussão final.	Bolas de basquetebol; cartolina; canetas.
<b>Aula 8</b>	Conhecer alguns dribles do streetball, bem como o contexto de prática da modalidade.	Ver vídeos do youtube: “Streetball Freestyle” e “How to do every streetball moves”	Filmes do youtube.
<b>Aula 9</b>	Realizar dribles simples.	Na quadra realizar estafeta com dribles: cones (driblando com as duas mãos); corda elástica (passando a bola por cima da corda); passe e cesta.	Cones; Corda elástica; Bola de basquete; Arcos
<b>Aula 10</b>	Realizar dribles simples.	Na quadra realizar estafeta com dribles: cones (driblando com as duas mãos); corda elástica (passando a bola por cima da corda); passe e cesta.	Cones; Corda elástica; Bola de basquete; Arcos
<b>Aula 11</b>	Organizar equipes para mini-torneio de streetball.	Cada aluno terá um papel no mini-torneio: jogadores, controladores e “MCs”. Definir dos papéis de cada aluno e as equipes que serão compostas por quatro pessoas e deverão ter um nome. Os “MCs” deverão trazer Cds de rap.	Coletes; bolas de basquetebol.
<b>Aula 12</b>	Organizar equipes para mini-torneio de streetball.	Cada aluno terá um papel no mini-torneio: jogadores, controladores e “MCs”. Definir dos papéis de cada aluno e as equipes que serão compostas por quatro pessoas e deverão ter um nome. Os “MCs” deverão trazer Cds de rap.	Coletes; bolas de basquetebol.
<b>Aula 13</b>	Verificar a apropriação do conhecimento. Vivenciar situação prática de torneio de streetball.	Visto no caderno. Mini-torneio de streetball.	
<b>Aula 14</b>	Prova		

Ao todo foram 14 aulas realizadas entre os meses de julho e agosto de 2011. O bloco de aulas foi iniciado com a leitura de um texto sobre o streetball, com a finalidade de que os alunos conhecessem o novo tema a ser tratado nas aulas e diferenciasssem o streetball do basquetebol

tradicional. As duas aulas seguintes foram destinadas a vivência do streetball em meia quadra para que os alunos pudessem se apropriar do modo de jogar e das regras de pontuação. A professora optou pela modalidade em meia quadra em razão das turmas de 8º ano serem pequenas e de que nem todos os alunos estavam dispostos a participar das aulas como jogadores.

A aula 3 teve por objetivo introduzir a figura do controlador. No streetball não há juízes, apenas um controlador que marca os pontos e interfere apenas quando é necessário (OLIVEIRA FILHO, 2006). Nessa aula cabia aos alunos resolverem os incidentes durante os jogos (marcação de faltas, por exemplo) e apenas recorrer ao controlador, quando houvesse necessidade. Essa estratégia foi bem interessante, pois foi possível perceber o choque dos alunos quando foi solicitado a eles que se auto-gerissem. O início foi cheio de conflitos, com muitas brigas e intervenção constante da professora. Mas ao final do bloco de aulas, os alunos já estavam mais adaptados e as discussões calorosas se tornaram menos frequentes.

Na quarta aula foi retomado o texto sobre o streetball, mas agora procurando fazer paralelos entre a realidade dos alunos e o contexto dos bairros novaiorquinos onde surgiu o streetball. Para reforçar a contextualização, também foi feita uma exposição oral e discussão com os alunos sobre o surgimento concomitante dos outros elementos do hip hop. A partir daí o hip hop passou a ser o pano de fundo do trabalho.

Os alunos se mostraram mais interessados no tema, quando começaram a perceber as semelhanças entre os bairros onde surgiu o streetball e a Vila Ana, comunidade de sub-moradias em que a maioria dos alunos mora no município de Jundiaí. A partir daí os estudantes se mostraram mais curiosos e fizeram mais perguntas sobre o assunto.

Embora se tratassem de alunos de 8º ano e que, em tese, já devessem dominar a habilidade de quicar (pois o quicar é trabalhado desde a educação infantil na rede municipal), muitos apresentavam grandes dificuldades nesse quesito. Dessa forma, as aulas 5 e 6 foram destinadas a exercícios de domínio de bola, fundamental tanto do basquetebol tradicional quanto do streetball.

Na aula 7 foram retomados os jogos, incentivando os alunos a se aplicarem na manutenção da posse de bola através do quicar. Essa aula serviu de base para a aula 8, em que foram apresentados aos alunos vídeos de alguns dribles comuns no streetball. Os alunos ficaram maravilhados com os dribles apresentados e pediram para vê-los novamente. Também foram apresentadas algumas imagens em câmera lenta, para incentivar os alunos adquirirem maior noção sobre como realizar os movimentos.

As aulas 9 e 10 contaram com um circuito por onde os alunos tinham que passar quicando a bola de basquetebol e efetuando alguns dribles. Alguns já tentavam aplicar os dribles vistos no vídeo.

As aulas 11 e 12, embora não tenham sido as últimas, tiveram o papel de fechamento do

bloco de aulas. Nelas foi feito um torneio simples de streetball, com times de 3 alunos. Os alunos que não queriam participar como jogadores teriam que escolher entre duas outras funções: ou seriam os controladores ou seriam uma espécie de MC ou DJ do evento. A sua função foi trazer CDs e cuidar para que não faltasse rap durante os jogos.

Essas aulas contaram com a participação da maioria dos alunos, mesmo que alguns tenham optado por não jogar. Os controladores assumiram bem a sua função e os jogadores se arriscaram bastante em realizar (várias vezes com sucesso) os dribles apresentados nos vídeos. A ideia de trazer o rap ajudou a criar o clima para os jogos, vários meninos jogavam dançando e cantando as músicas.

Na aula 13 houve uma conversa com os alunos, na qual os mesmos puderam expor as suas impressões e sentimentos sobre as aulas de streetball. Nessa conversa, a principal fala dos alunos foi de surpresa por uma modalidade de alcance mundial ter sido criada na periferia. Segundo uma aluna, “foi bacana saber que não sai só coisa ruim da favela” (ela disse isso, sendo ela mesma moradora de favela). Na aula 14 foi realizada uma prova que, embora eu não acredite ser o melhor instrumento de avaliação, foi necessária para que pudesse ser cumprida toda a burocracia de notas e cadernetas.

### **Considerações finais**

A partir da observação das aulas, pode-se afirmar que a maior parte dos alunos se apropriou do conteúdo, ainda que de maneiras diferentes. De maneira geral, os meninos além de se interessarem pelo aspecto teórico das aulas se envolveram mais com a prática; aprenderam e executavam com bastante entusiasmo alguns dribles. A maior parte das meninas, foi bem aplicada nas discussões e disputava a função de controlador, mas teve incipiente participação no papel de jogadora. Esse fato, contudo, não foi exclusivo das aulas de streetball.

A maior parte dos alunos se apropriou dos gestos próprios da modalidade, sem chegar a maestria, mas isso não era o mais importante a ser considerado. Tentaram realizar, sabiam nomes de dribles e se interessaram pela história deles. A aproximação entre as vivências dos jovens que criaram o streetball e a sua própria experiência estimulou a participação dos alunos, que se mostraram surpresos em saber que havia a possibilidade de se criar em um lugar pobre e com poucos recursos uma modalidade esportiva que ficasse famosa no mundo inteiro.

A avaliação do conteúdo se apresentou como uma questão a ser pensada com mais cuidado. Ainda que as conversas com os alunos tenham sido muito proveitosas, penso agora que seria necessário criar uma forma de registro para, quem sabe, garantir a continuidade do trabalho na série futura.

Assim como Ribeiro (2008) fez em sua escola, aqui também se optou pela introdução do

streetball nas aulas de Educação Física, por se acreditar que essa escolha seria coerente com o contexto dos alunos: negros, pobres e moradores de favela em sua maioria. Obviamente, que a ideia não foi de circunscrever o universo desses alunos a uma prática de periferia, ao contrário, a meta maior era que os alunos percebessem o quão rica pode ser a produção cultural da periferia e com isso modificar positivamente o senso do próprio estar no mundo.

A desconstrução dos conteúdos nas aulas de Educação Física (estudo do lugar onde foram criados, do contexto social da época, das pessoas que criaram) faz os alunos perceberem que elas não são naturais, que nem sempre existiram da forma como são hoje. Os meninos e meninas desta escola, embora morem na periferia, tem a visão dela como um lugar onde só se reproduz violência, seja porque fazem parte dela (alguns alunos já estão envolvidos com tráfico de drogas e outros crimes) ou porque, na tentativa de protegerem seus filhos, alguns pais demonizam o próprio lugar onde vivem, rotulando-o como irremediável e tendo como meta principal sair dali.

Sendo assim, o estudo do streetball como parte do movimento hip hop dentro da disciplina Educação Física se mostrou não apenas viável, mas muito rico. O hip hop, independente da manifestação, merece fazer parte dos currículos escolares pela sua importância na cultura de diversos locais do mundo. E também porque já é passada a hora de as minorias passarem a fazer parte dos currículos não apenas nesse papel, mas também na posição de quem produziu os conhecimentos a serem estudados na escola.

### **Referências Bibliográficas**

- BUZO, Alessandro. *Hip hop: dentro do movimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.
- GOES, Neusa Maria Luizão. *A produção de sentidos em manifestações poéticas orais: o rap na escola*. Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná. 2007. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1166-4.pdf>. Acesso em 07.04.2012.
- OLIVEIRA FILHO, Asfilófilo. *A história do basquete de rua*. 2006. Disponível em: <http://www.lub.org.br/lub/wp-content/uploads/2011/06/Hist%C3%B3ria-do-Streetball-3.pdf>. Acesso em 07.04.2012.
- PIMENTEL, Spensy Kmitta. *O livro vermelho do hip hop*. São Paulo. 1997. 29 f. Trabalho de conclusão de curso (Jornalismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- RIBEIRO, William de Góes. “*Nós estamos aqui!*”: *O hip hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo*. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. *Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação*, Florianópolis, v. 20, n. especial. p. 163-180, Jul/Dez 2002.

SCHOBBER, Juliana. Hip-hop: das seções policiais para os cadernos culturais dos jornais. *Ciencia e Cultura*, São Paulo, v. 56, n. 2, Abr. 2004. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S000967252004000200025&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252004000200025&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 07.04.2012.